

TRAÇOS CULTURAIS DA TRIBO PATAXÓ E SEUS APORTES PARA UMA ESPIRITUALIDADE EVANGÉLICA PATAXÓ: PONTO DE VISTA DE UM PASTOR PATAXÓ

Isaiás Pataxó¹

RESUMO

No presente artigo serão tratados alguns traços típicos da cultura indígena Pataxó, importantes para a construção de uma espiritualidade evangélica Pataxó. Dentre eles: a segurança, a estabilidade, a comunhão, o respeito e as celebrações litúrgicas que norteiam o relacionamento dentro da tribo. De jeito simples, o indígena constrói seu modo de vida baseado em sua compreensão de mundo e esta influencia sua maneira de conceber a espiritualidade evangélica. Outrossim, não há preocupação em sistematizar o pensamento da fé, mas sim de vivê-la. Esses aspectos, somados, constituirão o ambiente para a proposta de espiritualidade com características bastante peculiares.

Palavras-chave: Indígena; cultura; nativo; espiritualidade; Pataxó

¹ O Pr. Izaias Silva (chamado em sua tribo de Hitôhã Pataxó) é pastor da Igreja Evangélica Pataxó em Carmesia - MG e Bacharel em teologia pela FATE-BH. Ele escreveu este texto como parte de sua monografia de curso.

INTRODUÇÃO

Os indígenas possuem na espiritualidade² um catalisador e norteador de sua vida diária, não há distinção entre vida secular e vida espiritual. Desde muito novas, as crianças eram ensinadas, através do testemunho oral, pelos pais e pelo líder religioso denominado Pajé³, a importância de valorizar, praticar e viver a espiritualidade.

Espiritualidade é entendida como a maneira peculiar do indígena viver, construir e interpretar a vida em consonância com o mundo sobrenatural. Os povos indígenas possuem uma profunda relação de vivência com o mundo natural e sobrenatural. Para eles, essas realidades estão intrinsecamente relacionadas e se completam, embora não haja entre eles esforços de sistematização e definição desse saber tradicional e mesmo da realidade concebida por eles. Mas há entre eles um modo, reconhecidamente típico das culturas tradicionais em geral, de se compreender a realidade e comunicá-la aos demais: a narrativa. Os indígenas contam, cantam e dançam suas percepções da vida com a finalidade de sempre orientar o presente. No entanto, um esforço externo de estudo da cultura indígena pode perceber alguns traços da sua compreensão de mundo, que permitiria uma ordenação básica do seu pensamento sem, contudo, pretender ser completo.

² Este artigo foi desenvolvido baseado na experiência de vida do autor de dentro dos fatos narrados. O estilo é propositalmente narrativo, tendo em vista que praticamente não há material tratando deste tema na ótica indígena devido ao fato da cultura ser ainda predominantemente oral.

³ Pajé – líder religioso, que nos tempos mais antigos era constituído hereditariamente, mas nos dias atuais na (tradição Pataxó), se faz muito mais por eleição comunitária. É uma figura comum em cada comunidade indígena, e cumpre a função de curandeiro e mediador espiritual. Nas religiões tradicionais indígenas havia aqueles que invocavam espíritos maus e em outros espíritos considerados, por eles, bons.

1. A SEGURANÇA

Um desses traços é a segurança. Ela pode ser compreendida como o viver em paz com as etnias vizinhas. Este aspecto é muito importante porque toda história, empreendimentos familiares e de infraestrutura das aldeias, bem como projetos futuros dependem desta condição. Antigamente, cada etnia possuía seu espaço territorial próprio onde plantavam, colhiam, caçavam, pescavam, criavam seus filhos e se alegravam. Havia, entretanto, algumas etnias que não possuíam moradia fixa, eram nômades ou seminômades. A etnia Pataxó era umas das quais não possuía morada fixa, e, geralmente, suas casas não eram grandes ocas, mas construções bem feitas, porém provisórias. Devido a isso, os indígenas Pataxós costumavam viver várias estações em um mesmo local e por onde passavam deixavam uma relação de simpatia e amizade com outros povos próximos de onde se estabeleciam. Um povo com o qual os Pataxós desenvolveram uma relação de profunda mutualidade foram os Maxacali⁴. Ainda hoje, depois de vários séculos, os Maxacali veem nos Pataxós um povo amigo. Todavia, há relatos de povos que dificilmente se relacionavam com outras etnias, como era o caso dos Tupinambás. Esta situação era frequente no mundo nativo. O que exigia que cada etnia possuísse guerreiros aptos para qualquer eventualidade, a fim de defender o seu povo. Em vista disso os territórios eram também obrigatoriamente delimitados e a segurança garantida.

2 A ESTABILIDADE

Outro elemento de extrema importância na cultura indígena é a esta-

⁴ Maxacali – Povo indígena que reside no norte de Minas Gerais. Com uma população de aproximadamente mil pessoas. É uma etnia com forte resistência de aculturação. Depois de muitas décadas de dizimação exacerbada, os Maxacali ainda hoje veem no ácool meio de fuga. São extremamente simpáticos e amigos.

bilidade. Diz respeito à necessidade de cada pessoa em possuir o suficiente para a sobrevivência. Há uma forte semelhança desse traço cultural com o ensino neotestamentário em Lucas nos Atos dos Apóstolos (4.31-37). O relato aponta os irmãos atuando em prol dos necessitados da comunidade e compartilhando os bens, para que não houvesse entre eles pessoas com carências. Nas comunidades indígenas a condição para se viver uma vida saudável comunitariamente passa pela experiência do reconhecimento de seus direitos e deveres, não somente para consigo mesmo, mas para com todo o grupo.

Os indígenas sempre se caracterizaram por possuir um temor da Terra, como se ela fosse uma pessoa da qual dependem o cultivo e a preservação da vida. Ela é chamada por todas as etnias de “mãe Terra”. Ela é a grande mãe de todos os indígenas, que nunca deixou faltar a caça, o peixe, as frutas, as raízes, florestas e rios. Os nativos podiam andar livremente por toda sua casa⁵, que era tão grande e bela que era difícil escolher em “qual quarto dormir”, “qual sala reunir para contar as histórias”, “qual cozinha jantar” e em “qual varanda descansar”, pois as opções eram as mais variadas. Este é um traço tão forte da cultura indígena que, mesmo hoje em dia, em grupos indígenas mais urbanizados, parte da vida diária das famílias é vivida do lado de fora da residência. Fora da casa são realizadas as reuniões familiares e comunitárias, bem como as celebrações. Contam os mais antigos que nesse estilo de vida a saúde era sem igual. Todas as vezes que uma criança, um velho, uma *jokana* (mulher), ou até mesmo um *tapurumã* (jovem guerreiro) se encontrava acometido por uma enfermidade, logo encontravam o remédio na “farmácia perfeita” que era a natureza. Ministravam a dose certa e aquele “vento estranho” (doença) desaparecia.

⁵ Para o indígena toda extensão territorial, onde pudessem enxergar, era por eles considerados sua casa. Este significado perpassa o sentido ocidental de casa, não simplesmente um local de moradia, mas um lugar onde toda a vida está envolvida.

Um relato pessoal talvez ajude a esclarecer melhor essa prática indígena:

Ainda quando criança minha mãe costumava diariamente buscar em várias partes de nossa imensa *pâkâi* (casa, que corresponde a *oikos* no grego) a procura de guaco, folhas de pitanga, cana-de-mato, carqueja, erva-canudo, urucum, picão e muitas outras espécies de medicamentos para mim e meus irmãos. Elas nos livravam de dores e de várias doenças e nos ajudaram a crescer fortes e saudáveis. Sem dúvida minha mãe não possuía nenhum conhecimento científico do poder curativo dessas ervas, mas possuía um conhecimento vivencial, herdado das minhas avós e das pessoas mais antigas da aldeia.

Muitos “troncos antigos”⁶ relatam que diversas vezes foram picados por cobras venenosas, como cascavel, jararaca, urutu-cruzeiro, jaracuçu, coral dentre muitas outras espécies, e foram curados com esses remédios nativos. A própria natureza que feria era aquela que curava a ferida. Percebia-se que na natureza havia um equilíbrio tão evidente, tanto no seu funcionamento, em sua beleza, quanto nos perigos e mistérios que ela possui. Na mentalidade do índio, ele não existe à parte da natureza, mas a compõe e busca possuir suas mesmas características no que diz respeito ao modo de viver, mistérios e reprodução da sua beleza no corpo e nas manifestações culturais. Há aqueles que tratam o indígena como alguém exótico, sinônimo de intocável, às vezes como alguém perigoso ou como aquele que controla a natureza. Mas, são compreensões equivocadas devido à falta de entendimento da natureza do modo de ser indígena.

Os pajés em sua sabedoria, bem como os caciques ou até mesmo os troncos antigos sempre ensinam aos mais novos que ser índio é ser amigo da natureza e possuir com ela uma relação de cumplicidade. O índio vivencia de modo mais direto e experiencial a relação de cuidado mútuo com a terra. Muitas vezes, a própria natureza se encarrega de curar as

⁵ Devido o grande extermínio que sofrera os ameríndios, ficaram sendo chamados os guerreiros que restaram em vida de várias etnias de tronco antigo.

feridas e doenças do guerreiro e dar-lhe saúde e vida restaurada. Trata-se de um equilíbrio na relação entre índio e natureza, como um reflexo natural de gratidão do indígena pelos benefícios e sustento da vida que recebera da amada e tão respeitada “mãe Terra”. Quando um índio maltrata a terra, seja para fins de enriquecimento próprio ou de outros, ele está transgredindo sua própria natureza nativa e agindo como um não índio, pois ele estará atentando contra sua própria estabilidade no mundo.

3 A COMUNHÃO

Outro aspecto importante que caracteriza a vida indígena é a comunhão, que significa atitudes de uma vida em comum. Em todo o território nacional, calcula-se que havia cerca de cinco milhões de nativos quando aconteceu a invasão e colonização do Brasil por Portugal. Hoje se estima que exista cerca de 730 mil indígenas, 400 mil aldeados e outros 300 mil residindo nas periferias dos grandes centros urbanos sob condições das mais diversas. Na América espanhola, o Padre Bartolomeu de Las Casas “responsabilizou aos espanhóis o genocídio de 40 milhões de indígenas em apenas 60 anos”.⁷ Pierre Clastres, numa pesquisa realizada em 1972, concluiu que em todo o continente havia em torno de “80 a 100 milhões de índios” que, conforme ele, representava aproximadamente a quarta parte da humanidade da época dos descobrimentos⁸.

Mais de 500 territórios historicamente e atualmente habitados por indígenas se encontram sem demarcações e em um constante conflito com fazendeiros, posseiros, grileiros, madeireiros, garimpeiros, seringueiros, arroteiros que já duram séculos. Nisto, centenas de vidas inocentes são mortas, como citação abaixo:

⁷ RIBEIRO, Berta. **O Índio na História do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 1983. p. 28.

⁸ RIBEIRO, 1983, p. 28.

Marçal tupã'í, mais conhecido como Marçal Guarani, nasceu em 1920. Aos oito anos de idade ficou órfão e foi levado da aldeia TeyKuê, Caarapó (MS), onde habitava, para a Missão Kaiuá, em Dourados (MT). De lá mais tarde saiu para estudar. Formado professor, voltou para Dourados e assumiu o Magistério na escola da Missão Kaiuá. Desde o início dos anos 1970 Marçal denunciou a expropriação de terras indígenas, a exploração legal de madeiras, a escravização de índios e o tráfico de meninas índias. Expulso de Dourados pela Funai (Fundação Nacional do Índio), em 1978, voltou para a aldeia Guarani TeyKuê, mas não abandonou a luta. Incansável defensor dos povos indígenas, foi assassinado por fazendeiros em 25 de novembro de 1983 e anos depois os assassinos foram absolvidos.

Meses antes de morrer, declarou: “Já sou bastante idoso. Queria ser um moço com a força que tive na juventude, mas também com a consciência e o amor que tenho no coração, agora nessa idade. Estou marcado para morrer. Por uma causa justa, pode-se morrer. Outros terão o mesmo ideal e continuarão o trabalho.”⁹

Outra brutal violência aconteceu em Rondônia com o extermínio dos índios Cinta-Larga, sob ordem de uma empresa seringalista.

Na cabeceira do rio Aripuanã, dias depois a expedição avistou a aldeia e atacou os índios de surpresa com tiros de mosquetão, metralhadoras e armas de calibre 45 e 38. O ataque não possibilitou qualquer fuga. Do outro lado do rio, foi encontrado uma mulher com um filho no colo. Uma bala atingiu a cabeça da criança, enquanto a mãe foi amarrada a uma árvore, de cabeça para baixo e, em seguida, foi rasgada a golpes de facão. Todos os corpos foram jogados no rio e jamais foram encontrados.¹⁰

As informações acima devem conduzir para a reflexão teológica contemporânea de como a ausência de comunhão na raça humana destrói por completo o plano divino para sua criação. Este é mais do que um proble-

⁹ DIÁLOGO: Revista de ensino Religioso. São Paulo, Paulinas, ano XIV, n. 53, Fev.-Abr. 2009. p. 12.

¹⁰ CIMI, Conselho Indigenista Missionário. **Outros 500**: construindo uma nova historia. São Paulo: Salesiana, 2001. p.51.

ma social de interesses econômicos, é um problema de ordem ecológica e profundamente teológica.

Por outro lado, percebe-se claramente o ardente desejo de viver dos povos indígenas, e como indígenas que são. Também é evidente a sua resistência ante as forças históricas e atuais contra sua existência. Portanto, diante do processo de aniquilamento a que foram submetidos, os nativos passaram a viver em insegurança e em dependência de forças governamentais e ONGs para sobreviverem. Tal situação não é de todo aprazível para nenhum ser humano, principalmente aqueles que conheceram de perto a liberdade humana de ser, viver e se relacionar com os seus e a terra.

O índio, como senhor de sua história, sempre trabalhou pelo necessário para o seu sustento, cultivou a amizade da terra e entre eles, o companheirismo mútuo e o silêncio da sabedoria. Historicamente ele tem comprovado sua resistência, algumas vezes silenciosa, outras de enfrentamento, principalmente no que diz respeito ao esforço para a preservação de suas tradições.

Após mais de 500 anos de uma história de derramamento de sangue e dominação, os indígenas ainda encontram motivação para cantar, pular, correr, brincar, festejar e sonhar. Há que se admirar como em um mundo globalizado e orientado por um capitalismo que devora qualquer iniciativa de um estilo de vida diferenciado do que ele propõe, existem aqueles que se esforçam por resistir e ainda prezam o encontro com a terra “mãe” (no sentido da vida tranquila em suas terras originais). No entanto, esta ainda é uma “utopia indígena” que provoca silêncio diante da pergunta: como contar a história, as tradições, a cultura e expressar esse sonho para os filhos e filhas em uma condição de exílio? A comunhão é de fato um elemento importante da cultura e modo de vida indígena. É ela quem favorece a contínua resistência, existência e esperança de que um dia esse sonho possua um lugar de realização.

4 O RESPEITO

O respeito também é extremamente valorizado entre os povos indígenas, onde cada qual considera e reconhece o seu lugar. No sistema nativo a vida não é construída aleatoriamente, mas pensada e elaborada, tendo como orientação as normas preestabelecidas por cada comunidade. A comunidade é o agente da criação, rejeição e observação das leis, com base em suas tradições e modo de vida, sendo por si mesma sua tutora. Mas, sempre à frente se encontram os troncos velhos (idosos), caciques e pajés. Tais normas assumem com o passar dos tempos o caráter de tradição e as gerações seguintes baseiam-se nestes critérios para organizarem e manterem a respeitabilidade, bem como ajustarem às mudanças do mundo.

Em relação ao grupo Pataxó havia uma orientação de que os pais nunca precisavam chicotear seus filhos, porque o método que imperava era a prática do ensino disciplinar através do próprio testemunho e diálogo. A vida ansiosa, sedentária, conflituosa não fazia parte dos traços culturais indígenas, o que facilitava a maneira de ensinar seus filhos. Estavam acostumados com sua própria casa (terra), vista como lugar de tranquilidade, refrigério, segurança e um ambiente sadio para viver.

Os Pataxós sempre ficavam impressionados em ver a terra sendo única a alimentar tantas pessoas sem, contudo, deixar ninguém sem o sustento necessário para preservação da vida. Portanto, aprendiam com ela e, assim, ensinavam seus filhos e os mais novos da tribo.

A preparação da criança indígena (*tsxawã*) para a vida e sua educação era, de fato, bem diferente dos modelos ocidentais. Na atualidade, as crianças Pataxós já estão inseridas em um contexto urbano e globalizado. Isto tem afetado diretamente seu comportamento e relações com as tradições das tribos e a forma de educação nativa. Este fator novo tem resultado em comportamentos típicos do estilo de vida não índio e seus consequentes problemas, como: ansiedade, resistência aos mais velhos,

individualismo, baixa estima. Isso, hoje, parece inevitável, pois os nativos sobreviventes receberam e continuam a receber uma bagagem cultural que lhes é imposta continuamente. Isto tem comprometido suas próprias relações internas, e já não se percebe com tanta clareza aquele ambiente de reciprocidade e respeitabilidade tão comum aos povos indígenas.

5 AS CELEBRAÇÕES

Os rituais religiosos são de grande importância para os indígenas. Tradicionalmente, na cultura indígena, eles envolvem as cerimônias de petição e agradecimento a Deus ou aos espíritos e são realizados através de práticas diversas. Atualmente, tem havido formas diferentes de compreensão e recepção desse traço da vivência indígena.

Alguns cristãos, de corte religioso mais fundamentalista, entendem que são práticas sem fundamentação bíblica, diabólicas e que devem ser abolidas em um processo de evangelização. Já aqueles afeitos ao diálogo interreligioso, humanistas, antropólogos de várias linhas, e outros consideram que os diversos rituais religiosos específicos de cada cultura devem ser preservados como se apresentam. Normalmente, são considerados exóticos e interessantes do ponto de vista da criatividade humana e da liberdade de expressão religiosa.

A análise desse aspecto da cultura indígena é complexa e controversa. Para se evitar equívocos danosos à cultura e, ao mesmo tempo, preservar a fé cristã e seus princípios fundamentais, é preciso analisar profundamente a questão a partir de dentro da própria realidade indígena.

Manifestações religiosas dualistas são reais e características do *ethos* nativo, como em outros povos. O que não pode amparar as análises são os modos hermenêuticos empregados, na maioria das vezes externos à realidade indígena, partindo de um olhar laboratorial ou de confissões estabelecidas que julgam o que veem a partir desse ponto de vista. No caso dos

Pataxós, em ações de gratidão e petição, sempre se recorreu a forças que se compreendiam superiores àquela de quem realizava a petição ou o agradecimento. Mas todo este processo possuía uma orientação comum: nunca fazer nada que causasse intencionalmente o desequilíbrio e prejuízo alheio ou da própria natureza.

Para a tribo Terena,¹¹ o Deus que eles possuíam como supremo era o *Ituko' Oviti*. Os pajés faziam suas “pajelanças” direcionadas principalmente a ele. Todas as pessoas que tentavam invadir ou entrar na aldeia numa tentativa de diálogo eram motivos para colocar os pajés em alerta, com isso, logo entravam em ação. Uma ilustração verídica aconteceu no início da primeira década do século passado, quando os missionários americanos tiveram o primeiro contato com os Terenas. No intuito de evangelizar os missionários começaram a apresentar as boas novas. Os pajés vendo a proposta de um Deus que parecia, em princípio, ser diferente daqueles que eles cultuavam, logo começaram invocar ao *Ituko' Oviti* para dar um jeito naquela situação. Ao final de sua vida um dos pajés convidou seu filho que seria seu sucessor no cargo, e declarou: “Meu filho não invoque mais o *Ituko' Oviti* (traduzido como ‘deus desconhecido’). A partir de hoje adorem o Deus dos missionários, porque ele é mais poderoso do que o nosso”.

Não sabia o pajé que o *Ituko' Oviti* era o Deus dos missionários que eles já adoravam há séculos mediante o conhecimento através da chamada revelação natural. Esta iluminação veio à tona quando os próprios missionários começaram a traduzir a Bíblia para a língua Terena e tiveram conhecimento desse nome de Deus que, em suas características, conforme descrita pelos Terenas, não diferia do Deus dos cristãos. Foi assim que o Deus bíblico foi apresentado como o *GrandeItuko' Oviti* para os Terenas. Para a tribo Swrwaha ainda hoje a ênfase de suas práticas cúlticas estão

¹¹ Tribo localizada da região norte do Brasil. Com forte presença evangélica e muitos dos seus líderes eclesiais e sociais são cristãos protestantes.

relacionados aos espíritos, que para eles são doadores da perfeição humana. Portanto, o pajé desempenha a função de adivinho. Ele visita a mulher que se encontra grávida e depois de algumas invocações e análises diz o que ela carrega na barriga, se é filho ou alguma manifestação do mal. Se o feto for considerado como enviado pelo mal deve ser abortado, pois eles acreditam que poderá trazer maldição para toda comunidade. O tratamento é igual para crianças que nascem com problemas físicos, gêmeos e filhos de relações extraconjugais. São, geralmente, vítimas de infanticídio. Essas práticas são reflexos de sua religiosidade, passada historicamente pelos pajés. Mas, acreditam numa condição de vida saudável para o meio comum, e a buscam através de rituais e invocações da diversidade de espíritos responsáveis pela manutenção da vida na aldeia.

Todas essas situações devem ser bem discutidas teologicamente, mas sempre em conjunto com os próprios indígenas que são, de fato, os conhecedores desses particulares culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que as comunidades indígenas, de um modo geral, relacionam o natural com o sobrenatural. Algumas dessas práticas se assemelham com aquelas ensinadas na Bíblia, principalmente no contexto do Antigo Testamento. Há, entretanto, rituais e práticas que comprometem de fato o direito à vida, e que atualmente já estão sendo revistas pelos próprios nativos em sua liberdade de guardar e revisar suas tradições. Os parâmetros que norteiam essas revisões são diversos, internos e externos às comunidades. Não há como negar a influência da fé cristã, católica ou protestante, entre os indígenas. Há também a influência da sociedade secular, através da educação formal e, com isso, o conhecimento dos direitos humanos, da criança e do adolescente, dos idosos. A mídia também chegou até muitas tribos e trouxe informações diversas. Há também as

mudanças internas decorrentes das mudanças das próprias gerações, pois os indígenas não são povos estáticos, cristalizados no tempo. Eles pensam, interagem com o meio e decidem por transformações. São criativos e, muitos mais que simplesmente reagir ao meio, que Rubem Alves afirma ser comportamento no nível biológico apenas, eles respondem ao meio e buscam transformá-lo.¹²

O importante é que eles possuem suas maneiras peculiares de espiritualidade, e que ela envolve a vida comunitária. Os rituais litúrgicos acontecem na vivência recíproca do grupo, ou na busca por esta vivência. É através desses traços que o indígena vive, elabora, pensa e sonha a vida. É inapropriado, portanto, analisar ou julgar a espiritualidade indígena à parte da cultura e da vida da comunidade. Tudo que é feito entre eles está cheio de significados e é extremamente importante para o modo como conduzem a vida, por isso são chamados de povos com cultura tradicional.

REFERÊNCIAS

- BRANT, Celso. **O índio e a Bíblia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Detasoft, 1991.
- BRIGHENTI, Agenor. **Por uma evangelização inculturada**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CANCELA, Francisco. **A presença de não-índios nas vilas de índios de Porto Seguro**: relações interétnicas, territórios multiculturais e reconfigurações de identidade. 2007. 19 f. CIMI, Conselho Indigenista Missionário. **Outros 500**: construindo uma nova história. São Paulo: Salesiana, 2001.
- DIÁLOGO: Revista de ensino Religioso. São Paulo, Paulinas, ano XIV, n 53, Fev.-Abr. 2009.
- FERREIRA, Júlio Andrade. **Religião no Brasil**. Campinas: Luz para o Caminho, 1992.

¹² ALVES, Rubem. **Da esperança**. São Paulo: Papirus, 1987, p. 45.

FRANCO, Scilla. **Minha prece**: coletânea de textos indígenas e missionários do Scilla Franco. São Bernardo do Campo: Editeo, 1992.

HOORNAERT, Eduardo. **Esta terra tinha dono**. 4. ed. São Paulo: FTD, 1995.

_____, Eduardo. **O cristianismo moreno no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, Brasil, 1990.

MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da Vida**: o Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002.

_____, Jürgen. **O espírito da vida**: uma pneumatologia integral. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

OLSON, Bruce. **Por esta cruz te matarei**. 16. ed. São Paulo: Vida, [s/d].

DE PAULA PINTO, Davi Souza. **Fundamentos e elementos caracterizantes da religião indígena**. Minas Gerais, 2008. Disponível em: <<http://webartigos.com>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

PREZIA, Benedito. **Indígenas do leste do Brasil**: destruição e resistência. São Paulo: Paulinas, 2004.

RIBEIRO, Berta. **O índio na história do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 1983.

ROCHA, Alessandro. **Espírito Santo**: aspectos de uma pneumatologia solidária a questão humana. São Paulo: Vida, 2008.

SANCHES, Regina de Cássia Fernandes. **A pneumatologia do mundo dos dois terços**. Belo Horizonte: FATE/Izabela Hendrix, 2009 (texto de aula não publicado).